



Idosos, durante e após Desastres

Maj. QOBM/Méd.
GUSTAVO Almeida de
Souza
Matr. 1760800 - CRMDF 11649



- Médico do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal
- Formado pela Universidade de Brasília - UnB
- Geriatra pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia - SBGG
- Intensivista (UTI) pela Associação de Medicina Intensiva Brasileira - AMIB

ATENDIMENTO PREFERENCIAL



ATENDIMENTO PREFERENCIAL

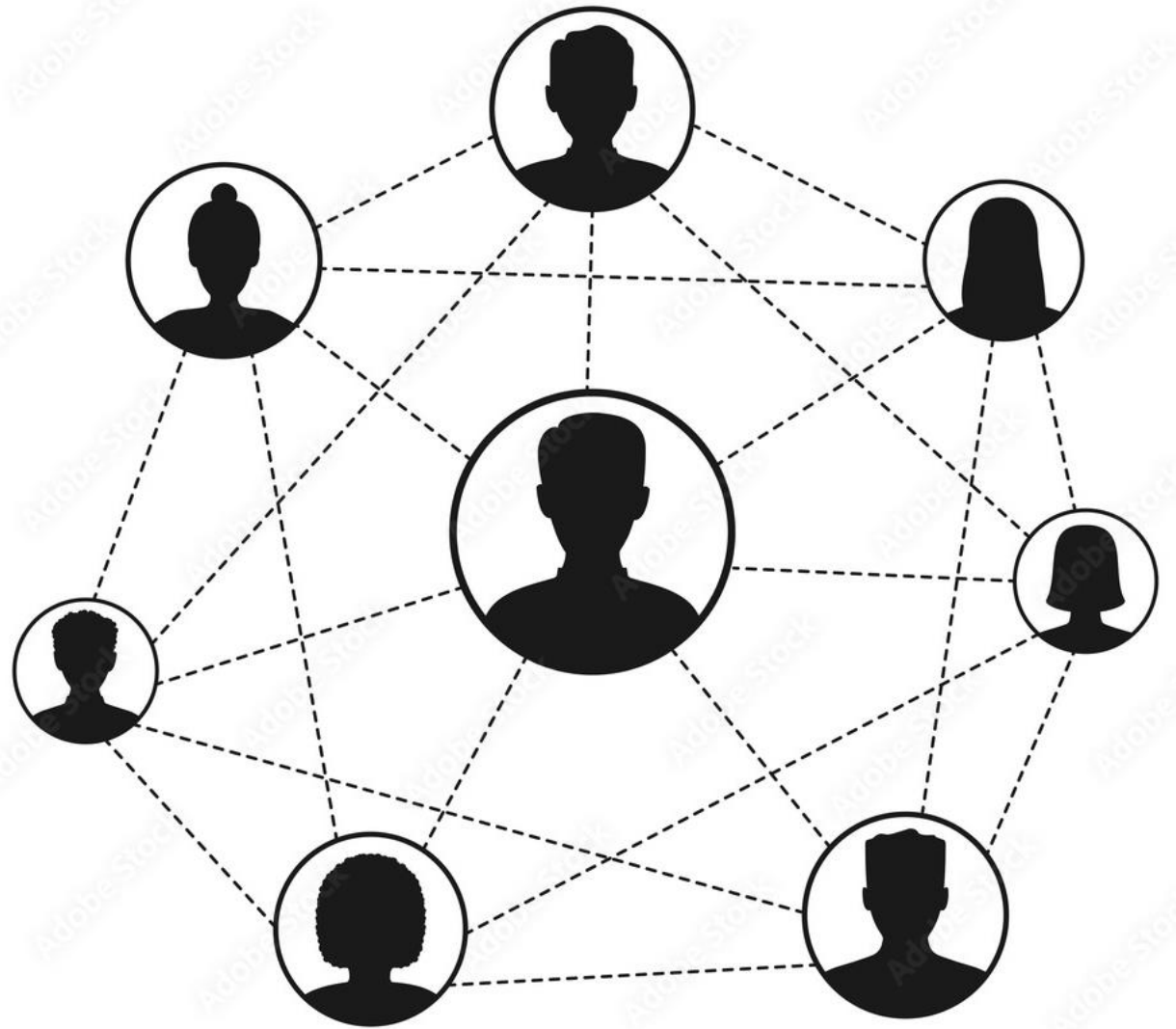




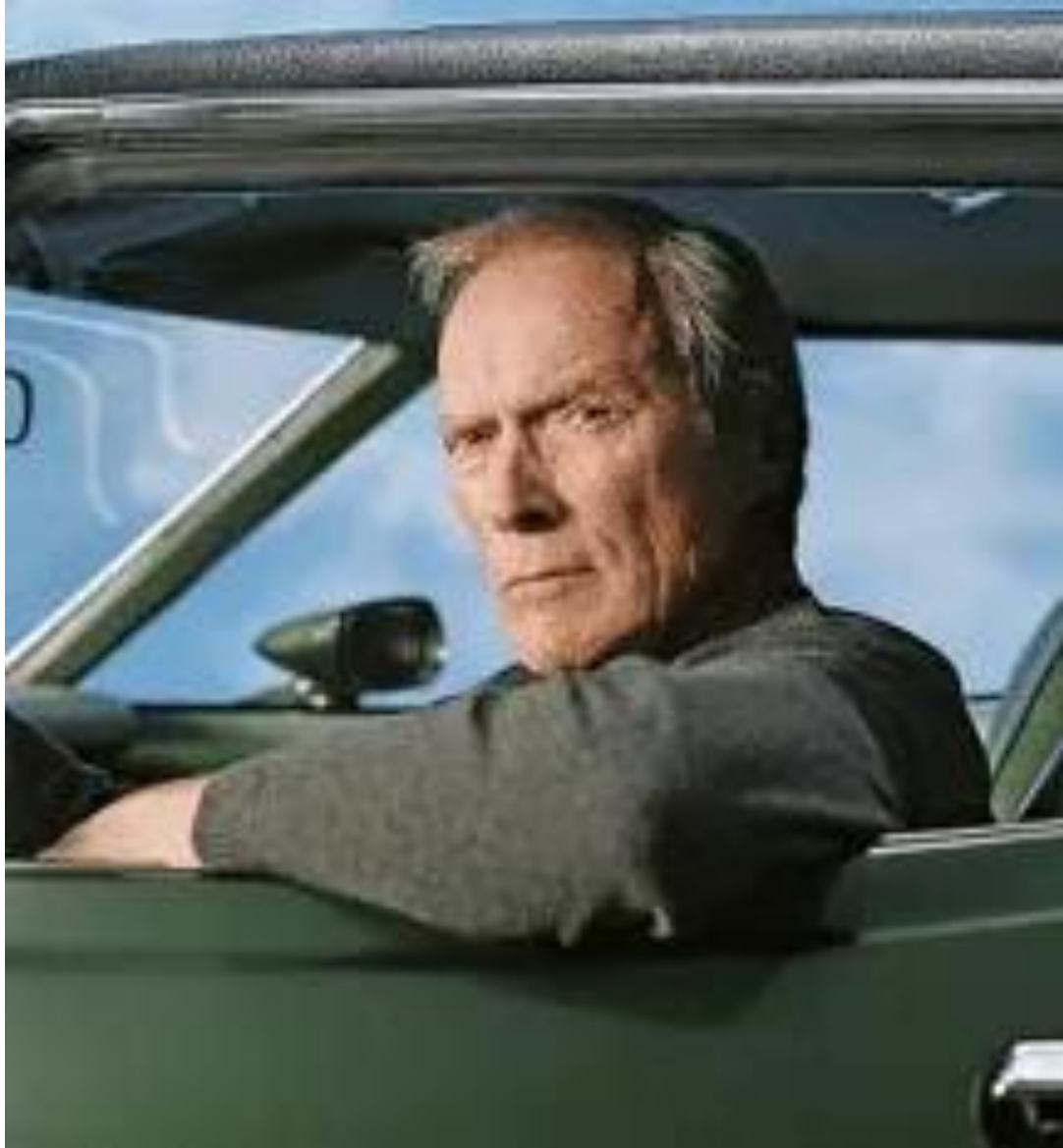
ATENDIMENTO PRIORITÁRIO

GRAVIDADE

**SALVABILIDAD
E**







O trabalho dos restauradores da memória afetiva

As enchentes que arrasaram cidades inteiras no Rio Grande do Sul levaram consigo não apenas vidas e bens materiais. Levaram recordações: fotos, objetos pessoais, móveis de família, utensílios passados de geração em geração, itens, enfim, que contam a história das pessoas. Coisas que nos fazem ser quem somos.

Para a nossa sorte, há anjos sem asas agindo para tentar salvar, em meio às dificuldades, o que sobrou da tristeza e restaurar a memória afetiva perdida nos entulhos.

Em Sinimbu, no Vale do Rio Pardo, a ação é liderada por Viviane Schuch Rizzolo, criadora de conteúdo conhecida por fazer artesanato a partir de materiais de reuso. Moradora de Santa Cruz do Sul, Vivi mantém ligações familiares com o município devastado e não teve dúvidas:

– Eu não podia ficar em casa. Quando cheguei lá, percebi que muita coisa que poderia ser recuperada estava indo direto para o lixo, porque não tinha alternativa. As pessoas precisavam limpar a cidade.

Para liberar as ruas (inclusive para as equipes de resgate), objetos cobertos de lama foram levados embora sem chance de triagem. Disposta a agir, Vivi encontrou pessoas pelo caminho prontas

a ajudar na missão, entre elas Luciana Kaempff Gastal, outra adepta do “fazer manual”. Lu também sofreu perdas. A antiga casa dos avós maternos (Norma e Rodolfo Neumann, já falecidos) foi atingida.

– A cidade ficou destruída, e as histórias estavam se perdendo. Decidimos nos juntar para catar o que ainda daria para restaurar. Conseguimos um caminhão para salvar as coisas – conta Lu, autora do livro Relicário de Afetos.

Da casa dos avós, ela pôde recuperar pouco, porque quase nada restou. Entre os itens resgatados, estão os panos de crochê da vó Norma, que serão revitalizados por Vivi. Mas a dupla conseguiu salvar muitos objetos espalhados nos arredores, que você vê ao lado. Tudo passará por reforma. Depois, serão definidos os próximos passos.

O desafio, agora, é conseguir mão de obra especializada, como marceneiros, por exemplo, para arrumar móveis avariados. Há muito o que fazer pela frente.

– A cidade está ficando deserta, com cada vez menos voluntários. Nosso medo é do esquecimento – lamenta Vivi, que tem 1,4 milhão de seguidores no Instagram e tenta mobilizar apoio.

Nós não vamos esquecer.



FOTO: DA BARRA, ANTONIO MIZO